



## ATUALIDADES:

### ÁFRICAS EM MOVIMENTO(S)



#### **EXPRESSÕES CULTURAIS: ANGÚSTIA NECESSÁRIA AO ENSINAR SOBRE AS ÁFRICAS**

*Por Felipe Costa Aguiar*



*Quem é Felipe Costa Aguiar?* É licenciado e mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) - Brasil. Professor-pesquisador da Geografia escolar, minha relação com as questões sobre Áfricas se deu a partir das atividades de ensino, pesquisa e extensão que realizo nas escolas de Educação Básica.

81

*Felipe Costa Aguiar: Docente de Geografia.*

Como citar

AGUIAR, Felipe Costa. Expressões culturais: angústia necessária ao ensinar sobre as Áfricas. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 4, p. 81-82, out.- dez. 2022.

O desconforto ao ensinar sobre as Áfricas tem sido geral nas salas de aula de Geografia. Afinal de contas, já não ensinamos as Áfricas da mesma forma como aprendemos em nossos tempos como discentes. Temas que hoje permeiam os livros didáticos, como as diversas formas de racismo e as colonialidades do poder e do saber, nem sempre compuseram os conteúdos e habilidades da Geografia escolar. Antes da Lei 10.639/03, muitos currículos oficiais sequer



incluíam as temáticas de “História e cultura Afro-Brasileira”. Atualmente, tais temáticas são garantidas por lei e também são reivindicadas pelos próprios alunos que, conscientes dessas questões, as trazem para a sala de aula. Nesse cenário, cabe a pergunta: como ensinar as Áfricas nas aulas de Geografia?

Sabemos bem que, a forma como a maioria de nós aprendeu não é a melhor para contemplar as expectativas sobre o modo de ensinar sobre as Áfricas. Na verdade, o argumento central tem sido aquele de que é preciso desconstruir o modo como aprendemos, para então, ensinarmos de uma outra forma, para quem sabe não cometermos os mesmos erros que nossos professores cometeram. Algo um tanto angustiante.

Entre essas angústias, reside o fato de nos perturbamos com o peso dos estereótipos e como eles facilmente podem ser disseminados nos círculos sociais e, em contrapartida, como dificilmente podem ser desconstruídos em sala de aula. Ficamos angustiados com as novas descobertas que surgem sobre as pluralidades culturais, econômicas, políticas e sociais das Áfricas, e o pouco tempo que temos para acompanhá-las. Também nos angustiamos com a retomada crescente de posturas racistas e preconceituosas, seja por parte dos alunos ou dos seus influenciadores.

Em suma, parece-me que o modo como ensinamos sobre as Áfricas nunca é suficiente, deixando sempre um espaço para a angústia, que nos desloca e nos faz questionar a familiaridade com os métodos e conteúdos de ensino. De certa forma isso é bom, pois nos faz deixar os manuais de ensino um pouco de lado e olhar verdadeiramente para as Áfricas.

Quem sabe ao nos voltarmos verdadeiramente para as Áfricas não consigamos encontrar uma saída para as tantas angústias que permeiam o nosso fazer-docente? Talvez esse seja um bom caminho. Só assim nos afastamos dos manuais de ensino e dos estereótipos e, conseqüentemente, nos aproximamos das Áfricas vividas autenticamente.

*Por Felipe Costa Aguiar.*